

O SETOR DA CORTIÇA

CARATERIZAÇÃO

2023.



O SETOR DA CORTIÇA

CARATERIZAÇÃO

2023.



ÍNDICE

_04	0. ÂMBITO
_07	1. IMPORTÂNCIA ECONÓMICA DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA
_09	1.1. Distribuição regional da indústria
_10	1.2. Estrutura empresarial
_14	1.3. Investimento
_15	1.4. Desempenho económico-financeiro
_19	2. COMÉRCIO INTERNACIONAL DE CORTIÇA
_19	2.1. Mercado mundial
_21	2.2. Comércio externo português de cortiça
_25	3. DETERMINANTES DA PROCURA
_25	3.1. Situação económica geral
_27	3.2. Mercado do vinho
_30	3.3. Materiais para a construção civil
_33	4. CONCLUSÕES





ÂMBITO

Os anos mais recentes foram particularmente turbulentos do ponto de vista económico. Em 2020, o combate à pandemia de COVID-19 levou a fortes restrições à mobilidade e à atividade económica, gerando uma recessão sem precedentes em período de paz, pelo menos nos tempos modernos.

Ultrapassado o período mais crítico da pandemia, a economia recuperou rapidamente, mas foi confrontada com o maior surto inflacionista das últimas décadas, obrigando os bancos centrais a inverter a orientação da política monetária e a promover uma rápida subida das taxas de juro. A indústria da cortiça, como a generalidade das atividades económicas, foi afetada por estes fenómenos. Neste contexto, a APCOR entendeu desenvolver este retrato atualizado da situação da indústria, como instrumento de apoio estratégico para as empresas. Nesse sentido, depois desta Introdução, o segundo capítulo deste documento retrata a importância económica e a situação da indústria da cortiça em Portugal. Aí se demonstra que a indústria dá um contributo muito relevante para a economia nacional em matérias como o produto, o emprego e o comércio externo. Esse contributo é, como seria de esperar, parti-

cularmente acentuado nas zonas preferenciais de localização da indústria, em particular no conce-





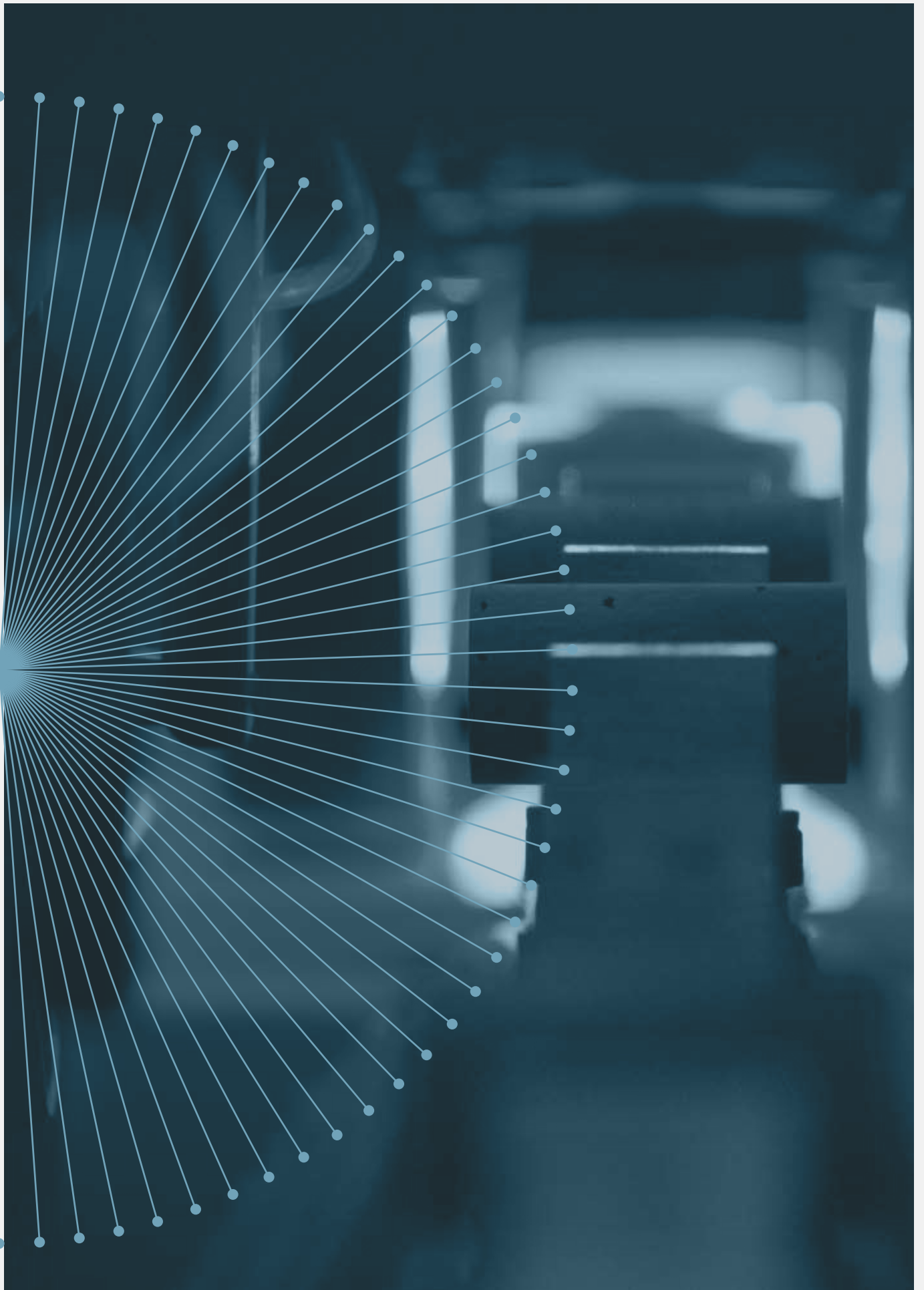
00

lho de Santa Maria da Feira. Este capítulo mostra também que, na última década, se deu uma alte-



ração da estrutura empresarial da indústria, sobretudo pelo desaparecimento de pequenas empresas dedicadas à preparação da cortiça, aumentando pelo contrário o número de empresas rolheiras e produtoras de outros produtos de cortiça. A esta transformação não foi alheio o forte crescimento do investimento, refletindo a crescente intensidade tecnológica da indústria da cortiça. Estas transformações permitiram um crescimento da produtividade que excedeu claramente o registado no conjunto das indústrias transformadoras portuguesas. O capítulo termina com uma análise do desempenho económico-financeiro das empresas do setor que, apesar da turbulência económica circundante, foi bastante positivo. O terceiro capítulo procede a uma análise mais aprofundada do comércio internacional de cortiça e da relevância que nele tem Portugal. As exportações portuguesas

de cortiça têm crescido e batido recordes, ultrapassando já os 1,2 mil milhões de euros anuais. Este crescimento deve-se essencialmente à valorização do produto, uma vez que o volume exportado não tem registado aumento significativo, condicionado como está pela disponibilidade da matéria-prima. As necessidades de matéria-prima da indústria portuguesa são, aliás, a explicação para as crescentes importações de cortiça. Ainda assim, o saldo comercial dos produtos de cortiça tem aumentado e ultrapassa já os mil milhões de euros, dando um contributo fundamental para combater o défice das contas externas portuguesas.



IMPORTÂNCIA ECONÓMICA DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA

01

De acordo com os dados estatísticos mais recentes, relativos ao ano de 2021, a indústria da cortiça¹ alcançou um volume de negócios de 1853 milhões de euros e um valor acrescentado bruto de 364 milhões.



Estes valores representam, respetivamente, 0,4% e 0,3% do total da economia nacional. A importância relativa da indústria da cortiça aumenta para 1,8% e 1,5%, respetivamente, quando se toma por referência o conjunto, mais restrito, das indústrias transformadoras. De notar ainda que a indústria da cortiça representa quase metade (47%) do volume de negócios das indústrias da madeira e da cortiça e 40,2% do seu valor acrescentado.

Qualquer que seja a base de comparação, o peso relativo da indústria da cortiça é bastante menor se avaliado alternativa-mente em termos de número de empresas ou de pessoas ao serviço (Tabela 1), indiciando que esta indústria tem empresas maiores e apresenta níveis de produtividade superiores à média nacional.

TABELA 1 - IMPORTÂNCIA ECONÓMICA DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA (2021)

	Indústria da cortiça	% Ind. da madeira e da cortiça	% Indústrias transformadoras	% Economia portuguesa
Volume de negócios	1 853	47,0%	1,8%	0,4%
VAB	364	40,2%	1,5%	0,3%
Nº Empresas	815	16,7%	1,2%	0,1%
Pessoas ao serviço	8 555	28,6%	1,2%	0,2%

Fonte: INE, Contas integradas das empresas.
Notas: Valores monetários expressos em milhões de euros.

1. Entende-se aqui por "indústria da cortiça" o conjunto das subclases 16293 – Indústria da preparação de cortiça, 16294 – Fabricação de rolhas de cortiça e 16295 – Fabricação de outros produtos de cortiça da Classificação das Atividades Económicas (rev. 3).

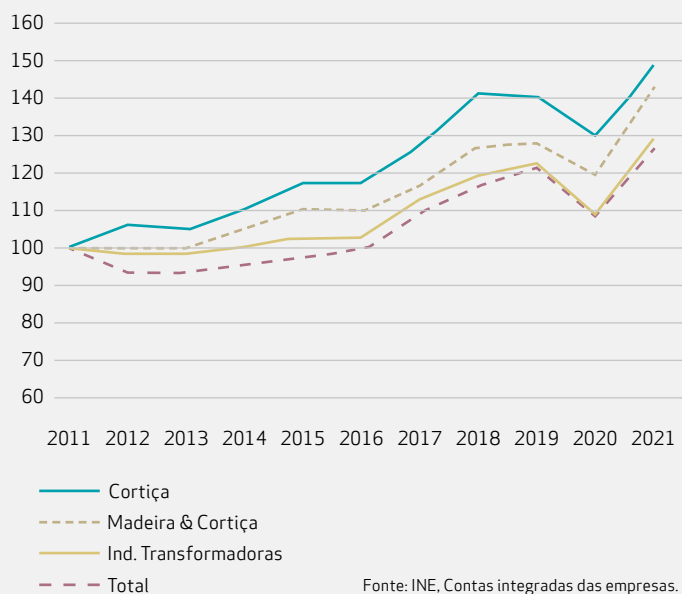
8_ 1. IMPORTÂNCIA ECONÓMICA DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA

A importância da indústria da cortiça é, também, manifesta em matéria de comércio externo, tema analisado em maior detalhe no capítulo seguinte. Em 2022, as exportações portuguesas de cortiça e seus produtos ultrapassaram 1,2 mil milhões de euros, representando 1,5% do total de exportações portuguesas de bens. Num ano em que a balança comercial portuguesa registou um défice de 31 mil milhões de euros, os produtos de cortiça, pelo contrário, apresentaram um saldo positivo de mil milhões de euros.

A relevância da indústria da cortiça na economia portuguesa não tem paralelo nos restantes países europeus. De tal maneira que a maioria deles, como, por exemplo, Espanha e França, não publicam dados estatísticos autónomos para esta indústria, agregando-a com a indústria da madeira. Em Itália, onde estão disponíveis dados autónomos sobre cortiça, o instituto de estatística local regista apenas a existência de 145 empresas e 1145 trabalhadores na indústria, valores que representam 0,39% e 0,3% dos respetivos totais nas indústrias transformadoras, percentagens muito inferiores às observadas em Portugal.

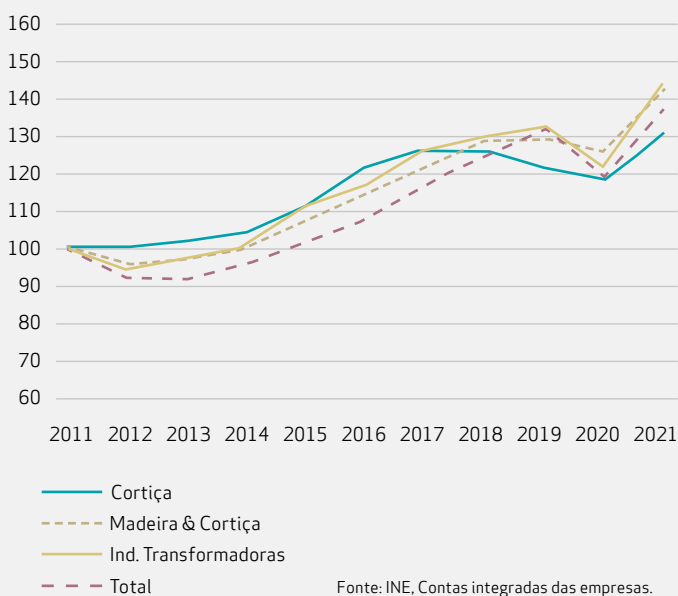
Na última década, na indústria da cortiça, estes indicadores tiveram evoluções divergentes. Como se pode observar no Gráfico 1, o volume de negócios da indústria da cortiça registou um forte crescimento de 2011 a 2018 (+41%), tendo terminado a década 48% acima do valor de 2011, apesar da quebra ocorrida em 2020. Este crescimento superou claramente o registado pelo conjunto da indústria da madeira e cortiça (+42%) e, ainda mais, pelo conjunto das indústrias transformadoras (+28%) e pelo todo da economia nacional (+26%).

GRÁFICO 1 – VOLUME DE NEGÓCIOS 2011-2021 (2011=100)



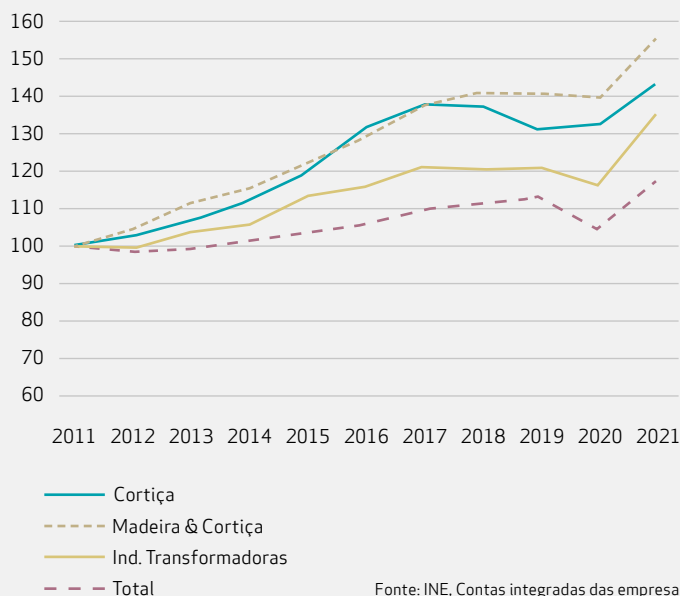
O valor acrescentado da indústria da cortiça registou, também, um crescimento significativo (+31%), embora menor, ao longo da década (Gráfico 2). No entanto, o crescimento nos agregados de referência – indústria da madeira e cortiça (+42%), indústrias transformadoras (+44%) e economia nacional (+37%) – foi mais elevado, devido ao abrandamento que se verificou no crescimento do valor acrescentado da indústria da cortiça a partir de 2017.

GRÁFICO 2 – VALOR ACRESCENTADO BRUTO 2011-2021 (2011=100)



Em contrapartida, o número de empresas e o número de pessoas ao serviço da indústria da cortiça recuaram 11% e 8%, respetivamente, ao longo desta década, enquanto cresciam significativamente no conjunto da economia portuguesa (+21% e +17%, respetivamente). A conjugação do aumento do valor acrescentado com a redução do número de pessoas ao serviço traduziu-se num aumento da produtividade (valor acrescentado por trabalhador) que é observável no Gráfico 3: no período representado no gráfico, este indicador aumentou 43% na indústria da cortiça, bastante mais do que nas indústrias transformadoras (+34%) ou no todo da economia nacional (+18%). No entanto, o conjunto da indústria da madeira e cortiça alcançou um crescimento ainda mais forte (+55%).

GRÁFICO 3 – VALOR ACRESCENTADO BRUTO POR TRABALHADOR 2011-2021 (2011=100)



1.1. DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DA INDÚSTRIA

A forte concentração geográfica é uma das características mais marcantes da indústria da cortiça. A Tabela 2 mostra que cerca de 80% da indústria se localiza na NUT II Norte, com pequenas flutuações desta percentagem em função do indicador considerado. O Alentejo é a outra região do país em que a indústria assume alguma expressão, representando 15% do volume de negócios e 12,5% do VAB nacional. É de assinalar que o peso do Alentejo em termos destes indicadores é mais do dobro do que tem em número de empresas, indicando que as empresas corticeiras aí localizadas são de dimensão média consideravelmente superior às de outras regiões do país.



TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA POR NUT II (2021)

	Norte	Alentejo	Outras Regiões
Volume de negócios	77,0%	15,3%	7,8%
VAB	79,6%	12,5%	7,9%
Nº Empresas	83,2%	6,0%	10,8%
Pessoas ao serviço	78,6%	11,7%	9,6%

Fonte: INE, Contas integradas das empresas.

TABELA 3 – NÚMERO DE EMPRESAS DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA POR CONCELHO (2021)

Concelho	Nº Empresas	%
Santa Maria da Feira	635	77,9%
Montijo	20	2,5%
Lisboa	14	1,7%
Évora	13	1,6%
Vila Nova de Gaia	11	1,3%
Espinho	9	1,1%
Ovar	9	1,1%
Vendas Novas	7	0,9%
Grândola	6	0,7%
São Brás de Alportel	5	0,6%
Outros	86	10,6%
Total	815	100%

Fonte: INE, Contas integradas das empresas.

O resto do país, no seu conjunto, representa, de acordo com estes dois indicadores, menos de 8% da indústria da cortiça, cerca de metade da relevância setorial do Alentejo. Ao longo da última década, a concentração geográfica da indústria registou apenas pequenas alterações, com uma ligeira redução da preponderância da região Norte em favor de outras regiões.

A concentração da indústria da cortiça é particularmente expressiva se analisada a nível concelhio (Tabela 3). O INE regista a existência de empresas da indústria, em 2021, em 64 concelhos portugueses. O concelho de Santa Maria da Feira, só por si, é a sede de 77,9% dessas empresas. O segundo concelho mais relevante, em número de empresas, é o Montijo que representa apenas 2,5% do total nacional. Para além destes dois, entre os dez concelhos com maior representação da indústria da cortiça contam-se, sobretudo, concelhos vizinhos da Feira (Vila Nova de Gaia, Espinho, Ovar) e concelhos do Alentejo (Évora, Vendas Novas, Grândola)².

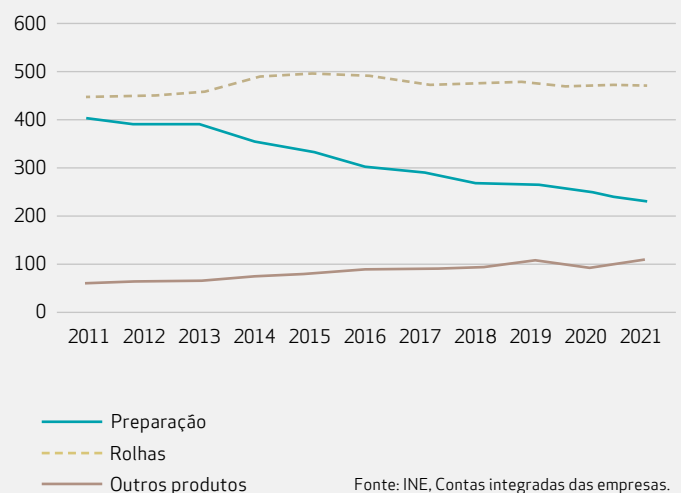
2. Se, em vez de empresas se contabilizarem estabelecimentos, a estes concelhos alentejanos, junta-se Ponte de Sor.

1.2. ESTRUTURA EMPRESARIAL

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística, entre 2011 e 2021, o número de empresas em atividade na indústria da cortiça caiu de 914 para 815, uma redução de 11%. Esta redução não incidiu, no entanto, homoganeamente na indústria.

O Instituto Nacional de Estatística classifica as empresas da indústria da cortiça em três atividades: preparação de cortiça, fabricação de rolhas e fabricação de outros produtos de cortiça³.

Como se pode observar no Gráfico 4, a redução no número de empresas na indústria da cortiça tem exclusivamente a ver com a atividade da preparação da cortiça: o número de empresas nesta atividade passou de 405, em 2011, para apenas 232, em 2021, uma redução de 43%. Em contrapartida, no mesmo período, as empresas dedicadas aos outros produtos de cortiça passaram de 65 para 111 (+71%). O número de fabricantes de rolhas foi mais estável, passando de 444 para 472, um aumento de apenas 6%, embora, neste caso, se possa notar uma evolução não linear, com um crescimento mais acentuado até 2015, quando o número de empresas atingiu 495, seguido de um ligeiro recuo na segunda metade da década.

GRÁFICO 4 – NÚMERO DE EMPRESAS POR SUBSETOR DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA 2011-2021

3. Como já referido, a Classificação das Atividades Económicas contém três subclasses correspondentes à indústria da cortiça: 16293 – Indústria de preparação de cortiça; 16292 – Fabricação de rolhas de cortiça; 16295 – Fabricação de outros produtos de cortiça.

Consequentemente, a composição setorial da indústria da cortiça sofreu uma acentuada alteração ao longo da década: a percentagem de empresas dedicadas à preparação de cortiça reduziu-se 16 pontos percentuais (de 44% em 2011 para 28% em 2021), por contrapartida de um aumento da percentagem dos fabricantes de rolhas em 9 pontos percentuais (de 49% para 58%) e dos de outros produtos em 7 pontos percentuais (de 7% para 14%)⁴.

Para além de se ter restringido às empresas de preparação de cortiça, a redução do número de empresas ocorreu exclusivamente nas empresas de pequena dimensão. O número de empresas com 250 ou mais trabalhadores (5) não se alterou na última década e o das que têm entre 50 e 249 trabalhadores até aumentou 8%. Em contrapartida, o número de empresas com 10 a 49 trabalhadores caiu 27%, de 122 para 89, e o das que têm menos de 10 trabalhadores 9%, de 761 para 693 (Gráfico 5).

Finalmente, uma análise por forma jurídica (Gráfico 6) revela que a quebra no número de empresas se concentra exclusivamente nas “empresas individuais”.⁵ No conjunto da década, o número de empresas com forma societária dedicadas à indústria da cortiça até aumentou ligeiramente, de 660 para 678, embora com um crescimento mais acentuado até 2015, quando atingiu um máximo de 713, seguido de algum decréscimo. Uma desagregação desta análise por subsector mostra uma redução drástica (-74%) no número de empresas individuais na preparação de cortiça, ao longo da década, uma redução mais ligeira no fabrico de rolhas (-18%) e um aumento muito acentuado (+329%) no fabrico de outros produtos. Já o número de sociedades apenas diminuiu na preparação de cortiça (20%), tendo aumentado no fabrico de rolhas (+11%) e nos outros produtos (+40%).

GRÁFICO 5 – NÚMERO DE EMPRESAS DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA POR ESCALÃO DE NÚMERO DE PESSOAS AO SERVIÇO NA EMPRESA 2011-2021

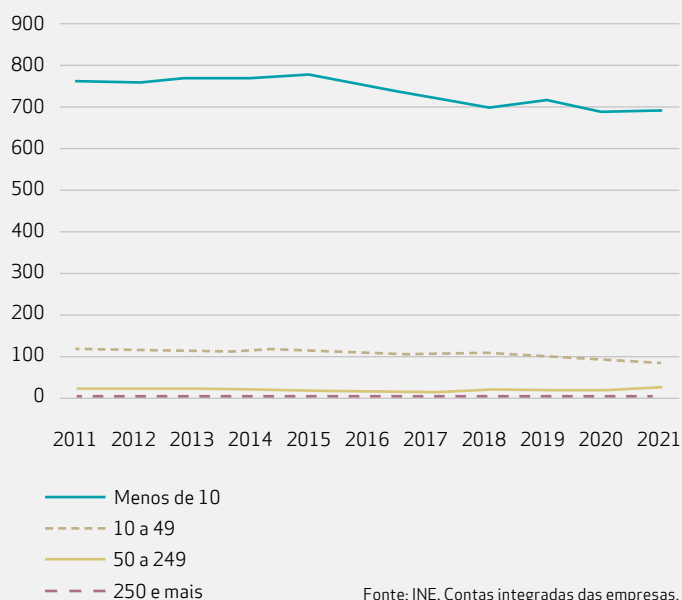
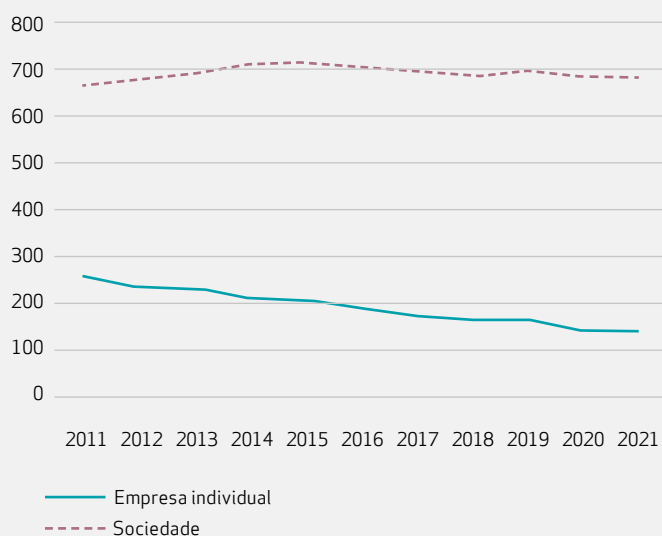


GRÁFICO 6 – NÚMERO DE EMPRESAS DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA POR FORMA JURÍDICA 2011-2021



Fonte: INE, Contas integradas das empresas.
Nota: “Empresa individual” inclui empresários em nome individual e trabalhadores independentes.

4. Importa assinalar que os códigos CAE que as empresas ostentam nas estatísticas nem sempre se adequam à sua atividade atual, pelo que estas análises devem ser entendidas como ilustrativas de tendências, mais do que como representações exatas da realidade.

5. O INE contabiliza como empresas as sociedades e as empresas individuais, correspondendo estas últimas a empresários em nome individual e trabalhadores independentes.

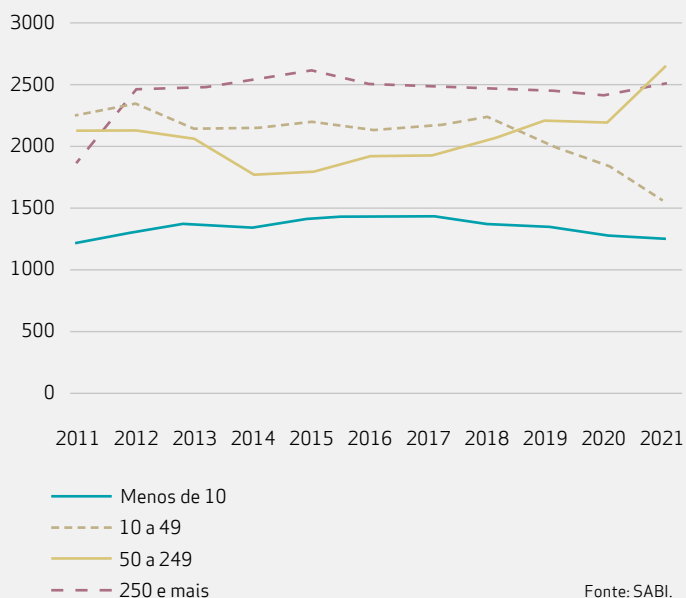
Em suma, os dados disponíveis no Instituto Nacional de Estatística sugerem que se registou, na última década, o desaparecimento de um grande número de pequenas e muito pequenas empresas dedicadas à preparação de cortiça, com uma concentração crescente da atividade económica da indústria em entidades mais estruturadas, com forma societária.

A análise do número de empresas é, no entanto, uma forma imperfeita de avaliar a concentração da atividade económica. Seria mais relevante, analisar, por exemplo, a distribuição do número de pessoas ao serviço ou do volume de negócios pelas empresas dos vários escalões de dimensão, para esse efeito recorreu-se à base de dados SABI⁶. Para o ano de 2021, esta base de dados contém elementos relativos a 622 empresas da indústria da cortiça que empregavam 8012 pessoas, valores que correspondem, respetivamente, a 76% e 94% dos valores reportados pelo INE.

Esta fonte confirma a tendência de concentração crescente da atividade empresarial que resulta dos dados do INE. Como é visível no Gráfico 7, nos últimos anos, particularmente a partir de 2017, tem havido um rápido crescimento do número de pessoas ao serviço de empresas que empregam entre 50 e 249 trabalhadores, ao mesmo tempo que tem vindo a diminuir o número dos que são empregados por empresas com 10 a 49 trabalhadores e, de forma mais ligeira, com menos de 10 trabalhadores. A percentagem de trabalhadores da indústria da cortiça empregados em empresas com, pelo menos, 50 trabalhadores passou de 53% em 2011 para 60% em 2020 e 64% em 2021⁷.

O mesmo fenómeno de transferência de atividade das empresas mais pequenas para as que têm mais de 50 trabalhadores é visível quando se consideram alternativamente variáveis como o volume de vendas ou o ativo. No entanto, quando analisada ao nível da empresa, a concentração na indústria da cortiça permanece muito moderada. Como se verifica no Gráfico 8, a quota das quatro maiores empresas no total dos proveitos operacionais da indústria de cortiça atingiu um máximo de 42% em 2015 e, desde então, mostra uma tendência de recuo para valores da ordem dos 35%, semelhantes aos verificados

GRÁFICO 7 – NÚMERO DE PESSOAS AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA POR ESCALÃO DE NÚMERO DE PESSOAS AO SERVIÇO NA EMPRESA 2011-2021



há uma década. Por sua vez, o índice de Herfindahl – um importante indicador de concentração que atinge um máximo de 10 000 pontos numa situação de monopólio – não foi além de 647 pontos em 2015 e recuou, entretanto, para valores de cerca de 500, correspondentes a uma indústria muito pouco concentrada.

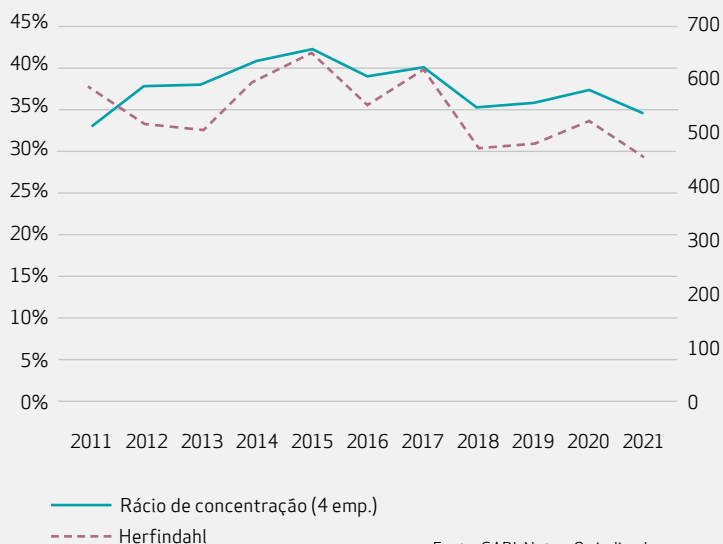
A perspetiva altera-se quando se tem em conta a integração das empresas individuais em grupos empresariais⁸. O Gráfico 9 mostra que, neste caso, é observável uma tendência de aumento da concentração, quer esta seja avaliada pela quota dos 4 principais grupos, quer pelo índice de Herfindahl. Os dois indicadores têm vindo a crescer gradualmente, aproximando-se atualmente o primeiro dos 60% e o segundo dos 2000 pontos. Este último valor é equivalente ao que se obteria numa indústria em que existissem 5 empresas com quotas idênticas, correspondendo já a um nível de concentração não desprecioso.

6. SABI é uma base de dados de informação económico-financeira empresarial de empresas ibéricas, comercializada por Bureau Van Dijk. Em Portugal, esta base de dados é construída a partir das declarações IES.

7. Os valores relativos a 2021 devem ser encarados com alguma cautela: sendo esta base de dados construída a partir das IES entregues pelas empresas, os valores que apresenta podem ser influenciados por fenómenos de atraso no cumprimento das obrigações declarativas que são mais relevantes para os anos mais recentes.

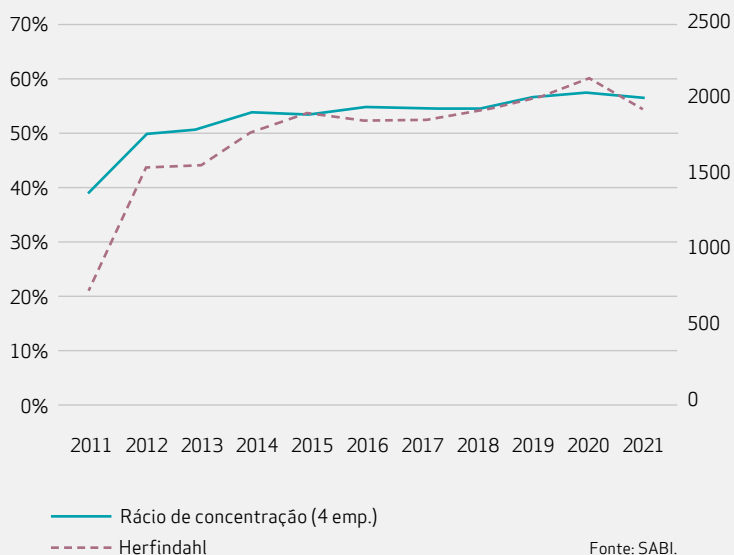
8. Para esta análise, duas empresas foram consideradas parte do mesmo grupo quando, de acordo com a informação constante na base de dados SABI têm o maior acionista em comum ou o mesmo *global ultimate owner*.

GRÁFICO 8 – INDICADORES DE CONCENTRAÇÃO NA INDÚSTRIA DA CORTIÇA, AVALIADOS AO NÍVEL DA EMPRESA INDIVIDUAL 2011-2021



Fonte: SABI. Notas: Os indicadores foram calculados com base nos proveitos operacionais de cada empresa.

GRÁFICO 9 – INDICADORES DE CONCENTRAÇÃO NA INDÚSTRIA DA CORTIÇA, AVALIADOS AO NÍVEL DO GRUPO EMPRESARIAL 2011-2021



Fonte: SABI.



1.3. INVESTIMENTO

Ao longo da última década, a indústria da cortiça investiu de forma crescente em capital fixo: o investimento setorial passou de valores da ordem dos 40 milhões de euros anuais, no início da década, para mais de 80 milhões, nos anos mais recentes. Como mostra o Gráfico 10, a fabricação de rolhas foi a principal responsável por este crescimento, tendo o seu investimento anual passado de valores inferiores a 20 milhões de euros, no início da década, para cerca de 50 milhões, no seu final. No entanto, os restantes subsectores da indústria apresentaram igualmente uma tendência de aumento do investimento, embora mais moderada e, no caso dos “outros produtos”, com oscilações significativas.



GRÁFICO 10 – FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO NA INDÚSTRIA DA CORTIÇA 2011-2021

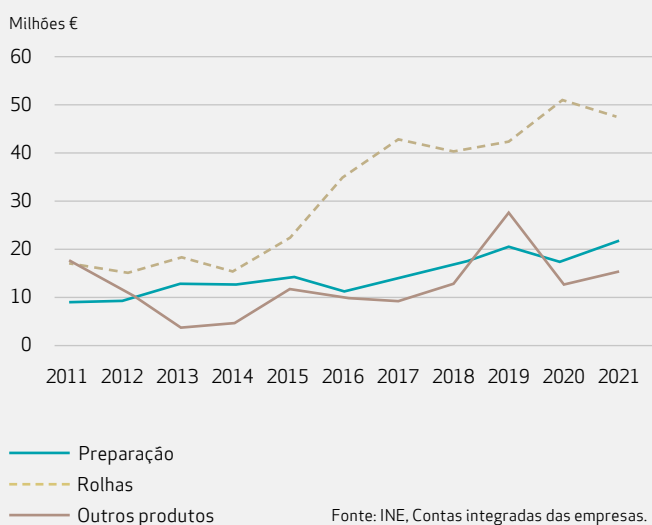
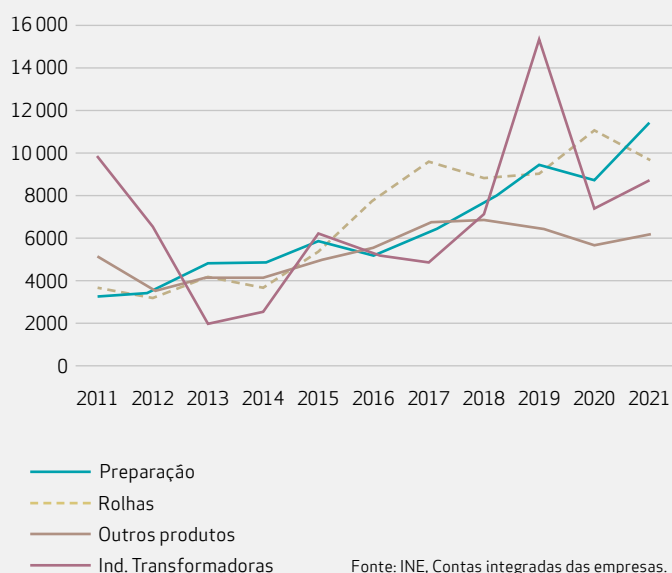


GRÁFICO 11 – FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO MÉDIA POR TRABALHADOR 2011-2021



Este aumento do investimento na indústria da cortiça levou a um reforço do seu contributo para o investimento nas indústrias transformadoras e na economia portuguesa: nos últimos três anos, o contributo da indústria da cortiça para o investimento nas indústrias transformadoras passou da ordem dos 1,5% para perto de 2,0%.

O aumento do investimento na indústria da cortiça é igualmente patente quando, em vez do investimento total, se considera o investimento médio por trabalhador (Gráfico 11): em 2011, as indústrias da preparação de cortiça e do fabrico de rolhas investiram, em média, 3 a 4 mil euros por trabalhador, abaixo, portanto da média das indústrias transformadoras que rondava os 5 mil euros; em 2021, aquelas indústrias investiram

10 a 11 mil euros por trabalhador, consideravelmente mais do que os 6 mil euros das indústrias transformadoras. O nível de investimento na indústria dos “outros produtos de cortiça” apresenta oscilações mais acentuadas, mas, nos últimos três anos, ultrapassou também a média das indústrias transformadoras portuguesas.

Analisando alternativamente o investimento em proporção do VAB, obtém-se uma imagem semelhante, com todos os subsectores da indústria da cortiça (20% a 30%) a investirem mais do que a média das indústrias transformadoras (18%) desde 2019. No entanto, se a comparação for feita para o peso do investimento no volume de negócios, em vez de no VAB, a diferença esbate-se consideravelmente.

1.4. DESEMPENHO ECONÓMICO-FINANCEIRO

Na última década, a indústria da cortiça alcançou um desempenho económico-financeiro bastante favorável⁹.

Globalmente, o seu volume de negócios aumentou 39%, passando de 1,3 para 1,8 mil milhões de euros. O crescimento foi particularmente forte (57%) para os fabricantes de rolhas, sendo menor para os fabricantes de outros produtos em cortiça (19%) e para a indústria da preparação de cortiça (17%). Esta evolução deve, no entanto, ser interpretada à luz da evolução do número de empresas em atividade nos três setores, já mencionada. De facto, na indústria dos “outros produtos de cortiça”, o ligeiro crescimento do volume de negócios global não acompanhou o crescimento, muito mais rápido, do número de empresas em atividade: consequentemente, o volume de negócios médio por empresa caiu 18%, de 5 para 4 milhões de euros (Gráfico 12). Este é, no entanto, um subsector bastante heterogéneo, englobando quer fabricantes de materiais para construção, tipicamente de grande dimensão, quer empresas muito mais pequenas dedicadas a outras aplicações da cortiça, sendo que foi sobretudo o número destas últimas que aumentou.

Globalmente, o volume de negócios dos fabricantes de rolhas aumentou muito mais do que o das empresas de preparação da cortiça. No entanto, o volume de negócios médio por empresa dos dois subsectores evoluiu de forma quase paralela, devido à acentuada redução do número de empresas dedicadas à preparação da cortiça (Gráfico 13).



9. A análise apresentada nesta secção incide sobre as contas das empresas da indústria da cortiça disponíveis na base de dados SABI que, para 2021, inclui 622 empresas.

GRÁFICO 12 – VOLUME DE NEGÓCIO POR SUBSETOR DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA 2012-2021

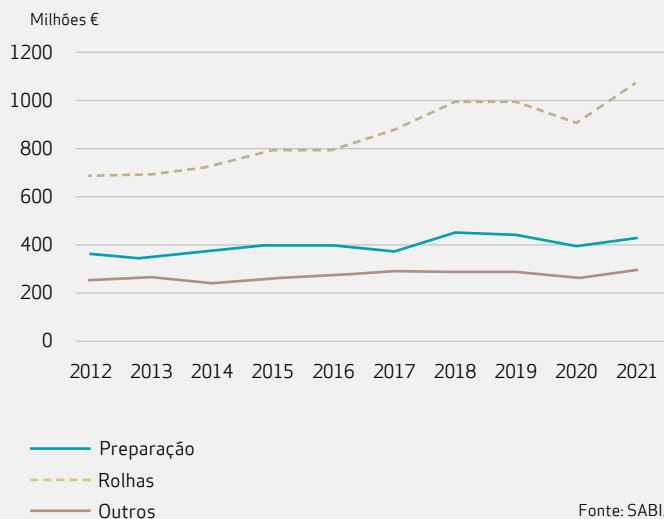
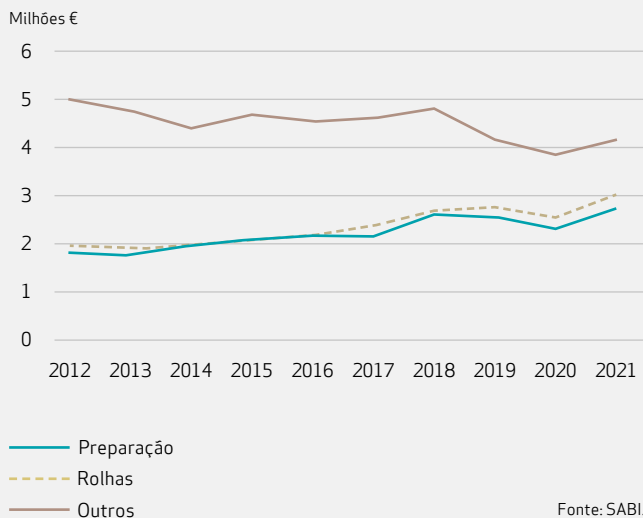


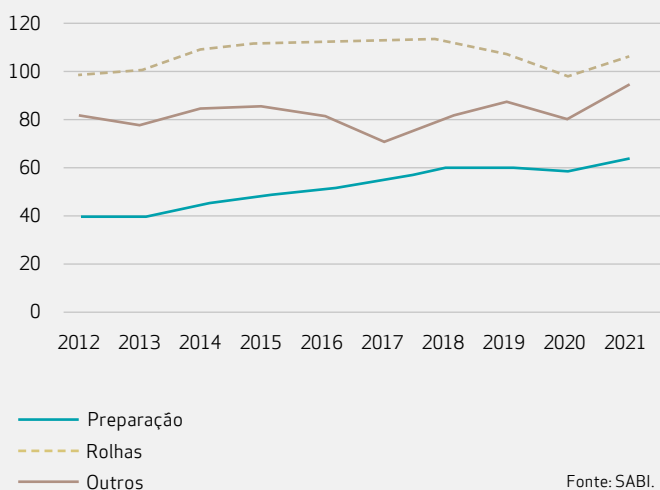
GRÁFICO 13 – VOLUME DE NEGÓCIO MÉDIO, POR EMPRESA, POR SUBSETOR DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA 2012-2021



O ativo total da indústria cresceu menos do que o seu volume de negócios, apenas 10%, o que implica que, em termos globais, se verificou uma melhoria operacional ao nível da rotação do ativo. Esta tendência foi comum aos três subsectores. Analisando a evolução do ativo médio por empresa, constata-se uma redução de quase 50% (-48%) nos “outros produtos de cortiça” e aumentos de 28% e 46%, respetivamente, na preparação de cortiça e no fabrico de rolhas, em ambos os casos abaixo do crescimento do volume de negócios.

Para o conjunto da indústria, o índice de rotação do ativo passou de valores de cerca de 74% em 2012 para perto de 100% em 2021, mas houve evoluções diferenciadas entre subsetores (Gráfico 14). A rotação do ativo dos fabricantes de rolhas é a mais elevada, acima de 100%, mas foi a que menos cresceu. A preparação de cortiça apresenta um nível intermédio de rotação, com um crescimento significativo desde 2017 que lhe permitiu aproximar-se dos fabricantes de rolhas. A rotação do ativo dos “outros produtos de cortiça” mostrou uma forte tendência de crescimento (+59%) ao longo de toda a década, potenciadora da sua rentabilidade.

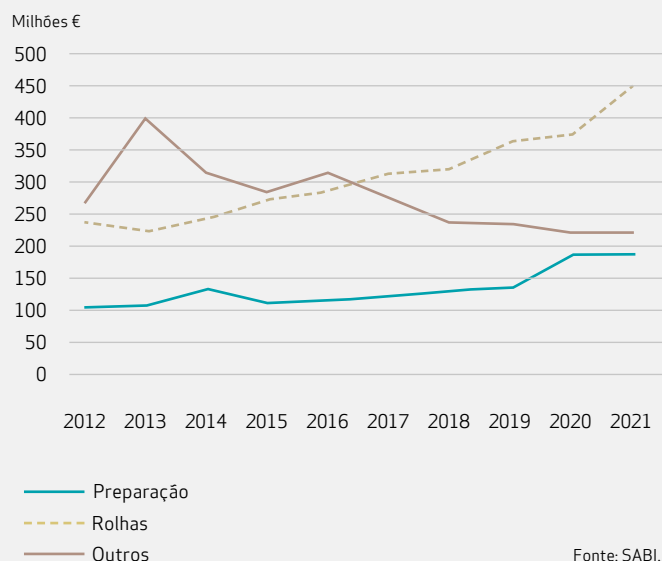
GRÁFICO 14 – ROTAÇÃO DO ATIVO POR SUBSETOR DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA 2012-2021

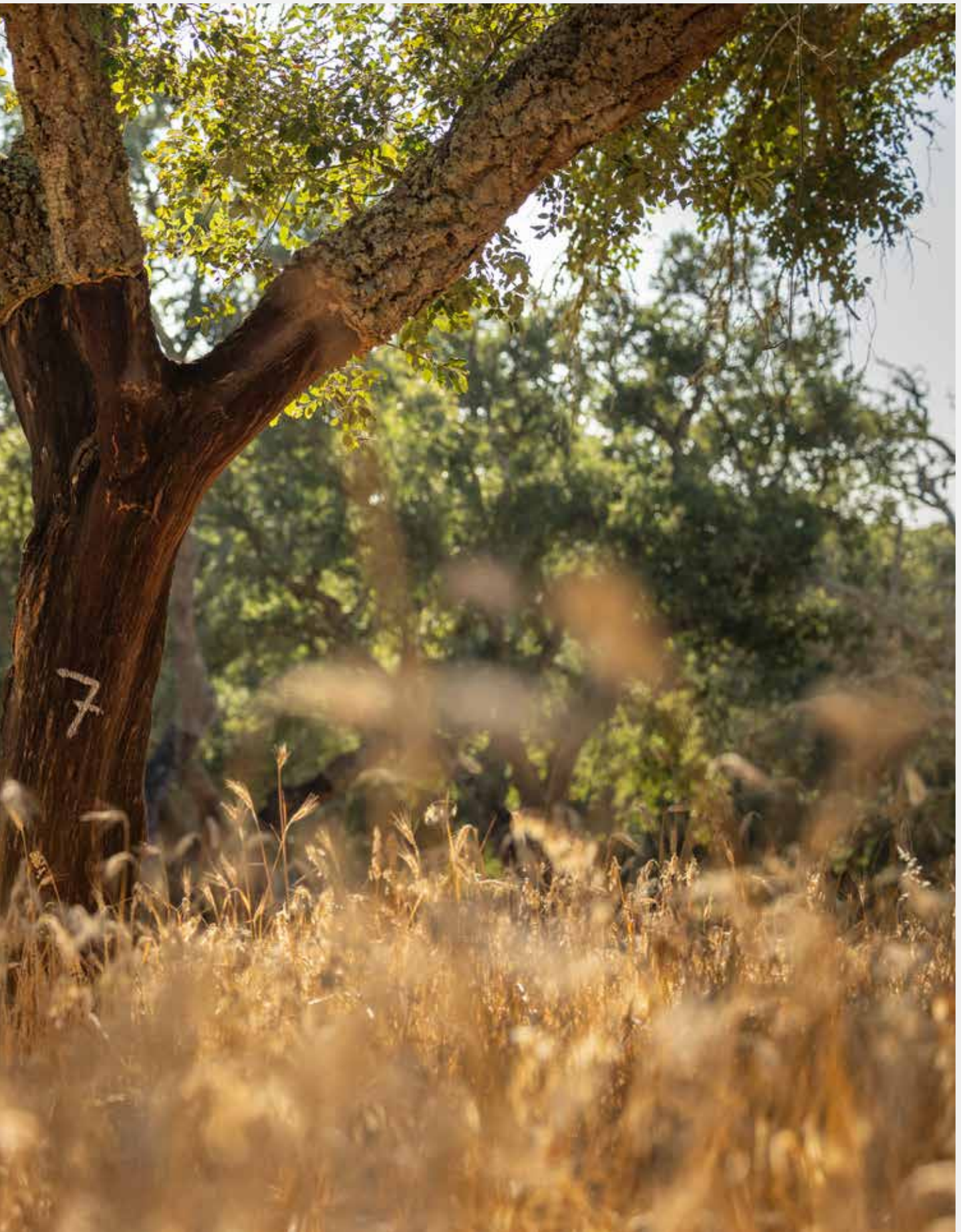


Em termos financeiros, durante a última década, a indústria da cortiça reforçou os seus capitais próprios em 42%, de cerca de 600 para mais de 850 milhões de euros. Este crescimento foi muito acentuado na preparação de cortiça (+83%) e na fabricação de rolhas (+90%), mas nos “outros produtos de cortiça” houve uma diminuição (-17%), como mostra o Gráfico 15. A consideração do capital próprio médio por empresa deixa esta evolução inalterada para os fabricantes de rolhas, mas acentua as tendências observadas nos outros subsectores.

Comparando o capital próprio da indústria com o seu ativo, verifica-se um aumento da sua autonomia financeira, de 34% em 2012 para 44% em 2021. Este crescimento não foi, no entanto, uniforme: depois de um forte aumento de 2012 para 2013, a autonomia financeira manteve-se sensivelmente estável até 2017, tendo em 2018 registado uma forte quebra. A partir de então tem-se observado um crescimento que conduziu, em 2021, ao valor mais elevado da década.

GRÁFICO 15 – CAPITAL PRÓPRIO POR SUBSETOR DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA 2012-2021







COMÉRCIO INTERNACIONAL DE CORTIÇA

02

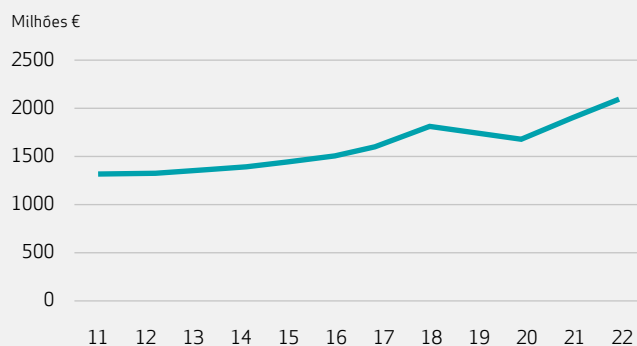
A indústria da cortiça tem, como já referido, uma forte orientação exportadora. As empresas da amostra analisada na secção anterior exportam diretamente cerca de 60% do seu volume de negócios. Os desenvolvimentos nos mercados internacionais são, por isso, fundamentais para o desempenho da indústria.

2.1. MERCADO MUNDIAL

As exportações mundiais de cortiça têm vindo a crescer rapidamente: entre 2011 e 2022 aumentaram quase 60%, tendo ultrapassado os 2000 milhões de euros (Gráfico 16). A cortiça natural representa apenas 3% a 5% deste valor, dependendo dos anos, correspondendo o restante a produtos transformados¹⁰.

As exportações de cortiça apresentam uma enorme concentração geográfica, com os 10 principais exportadores a representarem mais de 90% do total mundial. Portugal é o principal protagonista destas exportações, com bem mais de metade do total mundial. No entanto, nos anos mais recentes, a partir de 2018, a quota portuguesa caiu da casa dos 62% a 64% para 58,5% (Tabela 4). Seguem-se, a considerável distância, a Espanha (19,8%) e a França (5,2%), cujas quotas aumentaram na última década, graças a taxas de crescimento próximas dos 100%, muito acima dos 49,5% conseguidos por Portugal. Observam-se taxas ainda mais elevadas em países com quotas muito reduzidas, nomeadamente o Chile (1,0%) e a Polónia (0,8%), certamente devido à intermediação de cortiça de outras origens.

GRÁFICO 16 – EXPORTAÇÕES MUNDIAIS DE CORTIÇA



Fonte: International Trade Centre (2023).

10. Para efeitos de análise do comércio internacional, por "cortiça", entende-se o conjunto dos produtos enquadrados no capítulo 45 – Cortiça e Suas Obras – do Sistema Harmonizado (SH). O Sistema Harmonizado é a nomenclatura de produtos generalizadamente utilizada no comércio internacional, sendo composta por códigos de 6 dígitos. A Nomenclatura Combinada (NC) utilizada pela União Europeia desagrega adicionalmente o SH, acrescentando-lhe dois dígitos adicionais. Utilizando estes códigos, desagregamos o comércio internacional de cortiça em cortiça natural (4501.10), rolhas (4503.10.10, 4503.10.90, 4504.10.11, 4504.10.19, 4504.90.20), materiais de construção (4501.90, 4504.10.91, 4504.10.99, 4504.90.80) e outros produtos em cortiça (4502, 4503.90.00).

TABELA 4 – PRINCIPAIS EXPORTADORES DE CORTIÇA

País	2011		2022		Variação 2011-2022
	10^6 €	%	10^6 €	%	
Portugal	816	62,3%	1220	58,5%	49,5%
Espanha	217	16,6%	413	19,8%	90,4%
França	51	3,9%	109	5,2%	112,7%
Itália	50	3,8%	68	3,3%	37,1%
China	13	1,0%	37	1,8%	193,0%
Alemanha	34	2,6%	28	1,3%	-17,6%
EUA	26	2,0%	25	1,2%	-2,5%
Chile	6	0,4%	21	1,0%	286,5%
Marrocos	9	0,7%	20	1,0%	139,3%
Polónia	4	0,3%	18	0,8%	339,7%
Total 10+	1224	92,0%	1959	94,0%	60,0%

Fonte: International Trade Centre (2023).

As importações de cortiça são bastante menos concentradas, embora a sua concentração tenha aumentado na última década, pelo menos quando medida pela quota dos 10 principais importadores (Tabela 5). O maior importador mundial é a França. As suas importações aumentaram 32,2%, entre 2011 e 2022, mas a sua quota nas importações mundiais baixou de 17,3% para 14,7% (Tabela 5). As importações americanas cresceram a um ritmo muito superior (72,5%), permitindo-lhes quase igualar a

França na liderança dos importadores mundiais, com uma quota de 14,4%. Itália (12,3%), Portugal (12,0%) e Espanha (9,7%) têm importações de ordem de grandeza não muito inferior. Portugal distingue-se dos restantes países mencionados por importar, sobretudo, cortiça natural, para abastecer a sua indústria transformadora. No período representado na tabela, é ainda de destacar o crescimento das importações para o Reino Unido e o México, da ordem dos 200%.

TABELA 5 – PRINCIPAIS IMPORTADORES DE CORTIÇA

País	2011		2022		Variação 2011-2022
	10^6 €	%	10^6 €	%	
França	235	17,3%	311	14,7%	32,2%
EUA	177	13,1%	306	14,4%	72,5%
Itália	122	9,0%	262	12,3%	115,1%
Portugal	137	10,1%	254	12,0%	85,9%
Espanha	100	7,4%	207	9,7%	106,5%
Alemanha	102	7,5%	107	5,0%	4,7%
Reino Unido	25	1,8%	72	3,4%	187,6%
México	16	1,2%	57	2,7%	245,5%
Argentina	32	2,4%	43	2,0%	34,5%
Chile	29	2,1%	43	2,0%	49,0%
Total 10+	1224	72,0%	1959	78,3%	60,0%

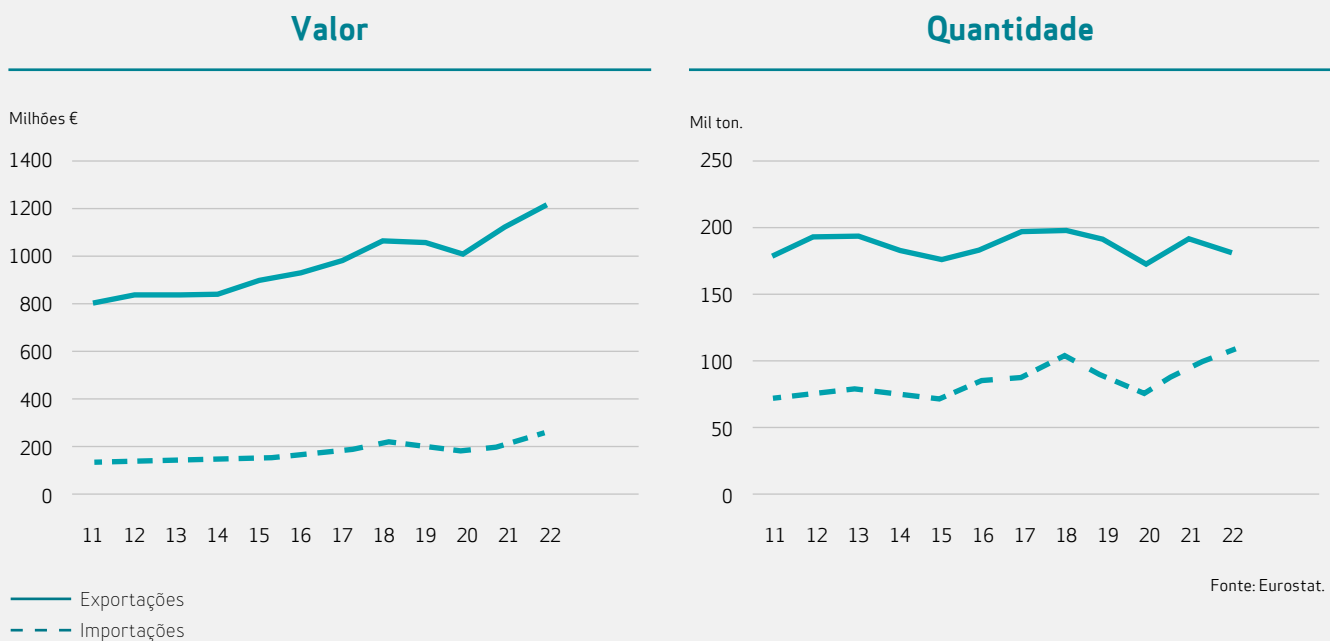
Fonte: International Trade Centre (2023).

2.2. COMÉRCIO EXTERNO PORTUGUÊS DE CORTIÇA

Como se pode observar no Gráfico 17, em 2022, o valor das exportações portuguesas de cortiça e produtos de cortiça atingiu um máximo histórico, superando 1,2 mil milhões de euros, valor que representa um crescimento de 45% face ao registado uma década antes. Este crescimento tem sido conseguido sobretudo por via do aumento do valor médio cobrado por quilograma, uma vez que a quantidade exportada não se alterou significativamente, tendo apenas oscilações mais ou menos cíclicas. Embora a heterogeneidade dos produtos da indústria e as alterações no mix de produtos exportados dificulte a interpretação deste dado, o valor médio por quilograma exportado aumentou mais de 50% na última década.

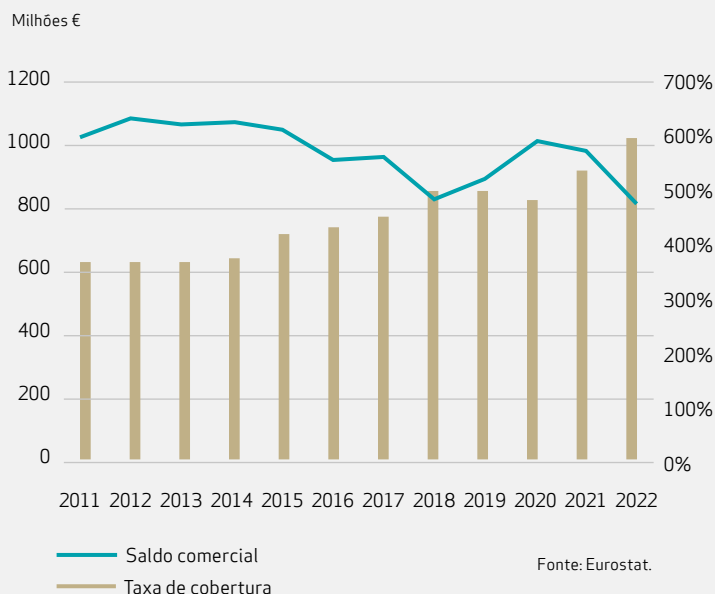


GRÁFICO 17 – COMÉRCIO EXTERNO PORTUGUÊS DE CORTIÇA E PRODUTOS DE CORTIÇA 2011-2022



Ao contrário do que se passa com as exportações, dada a disponibilidade limitada da matéria-prima de produção nacional, a quantidade importada tem vindo a aumentar, tendo ultrapassado em 2022 as 100 mil toneladas, com um valor recorde de 256 milhões de euros. Na última década, estas importações aumentaram 41% em volume e 93% em valor, implicando um aumento de 37% do valor médio pago por quilograma.

GRÁFICO 18 – SALDO COMERCIAL E TAXA DE COBERTURA DE CORTIÇA E PRODUTOS DE CORTIÇA 2011-2022



O comércio externo de cortiça e produtos de cortiça é fortemente superavitário (Gráfico 18): o saldo comercial destes produtos passou de valores da ordem dos 640 milhões de euros no início da década passada, para mais de mil milhões em 2022 (+60%). Apesar do crescimento recente das importações, a taxa de cobertura é extremamente elevada, com valores que rondam ou excedem os 500%, uma situação ímpar a nível nacional. As rolhas são o principal produto exportado pela indústria da cortiça (Gráfico 19). Ao longo da última década, o seu contributo para o valor exportado foi aumentando gradualmente, passando de cerca de 68% para 73,5% em 2022. Os materiais de construção representam atualmente 24,6% do total, sendo o peso dos restantes produtos inferior a 2%.

Dentro das rolhas (Gráfico 20), tem-se vindo a assistir a uma progressiva perda de importância relativa das rolhas naturais face às de aglomerado: desde 2011, o contributo das rolhas naturais para as exportações de rolhas reduziu-se 10 pontos percentuais, de 62,7% para 52,9%; o contributo das rolhas para espumante tem permanecido relativamente estável, próximo dos 18%; já as restantes rolhas de aglomerado passaram de 19,3%, em 2011, para 29,5%, em 2022. Ou, dito de outra maneira, desde 2011, as exportações de rolhas naturais aumentaram 31,8% enquanto as de rolhas de aglomerado (que não para espumante) aumentaram 138,6%.

Não só a taxa de crescimento das exportações das rolhas de diferentes tipos foi diferente como foi também diferente a origem desse crescimento (Gráfico 21). No caso das rolhas naturais, o crescimento de 31,8% foi exclusivamente explicado pelo crescimento do valor médio cobrado, que passou de 25,71€/kg para 40,47€/kg, um aumento de 57,4%. O valor total exportado não aumentou, no entanto, na mesma medida, porque a quantidade exportada diminuiu 16%. Em contrapartida, o crescimento das exportações de rolhas para espumante e das restantes rolhas de aglomerado beneficiou da conjugação de aumentos da quantidade e do valor médio por quilograma, sendo mais intenso o primeiro do que o segundo. Nas rolhas para espumante, a quantidade aumentou 25,5% e o valor médio 22,6%, resultando num crescimento total de 53,9%. Nas restantes rolhas de aglomerado, a quantidade exportada aumentou 64,9% e o valor por quilograma 44,7%, levando a um aumento das exportações a rondar os 140%.

GRÁFICO 19 – COMPOSIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE CORTIÇA E PRODUTOS DE CORTIÇA 2011-2022

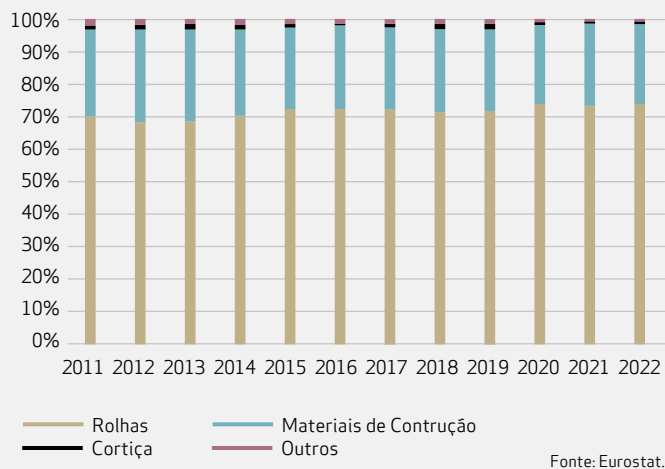


GRÁFICO 20 – COMPOSIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE ROLHAS 2011-2022

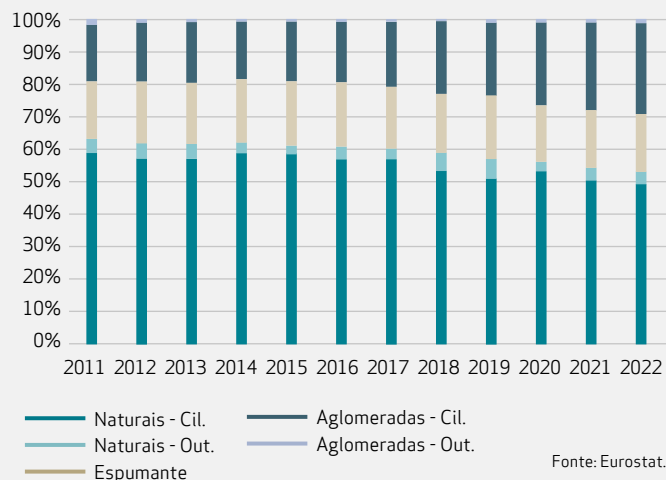
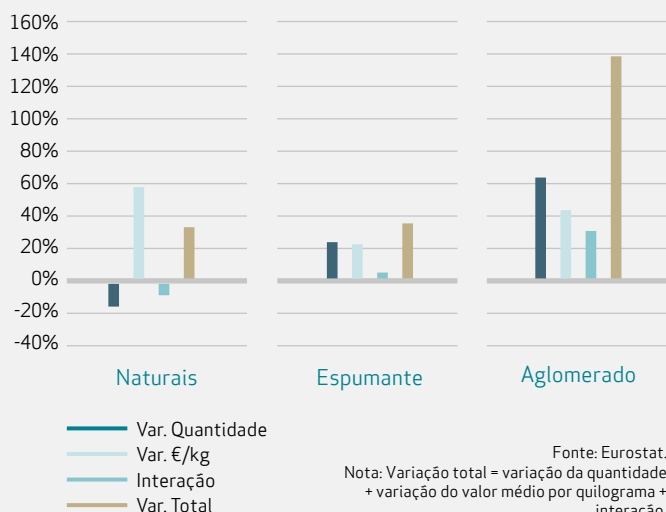
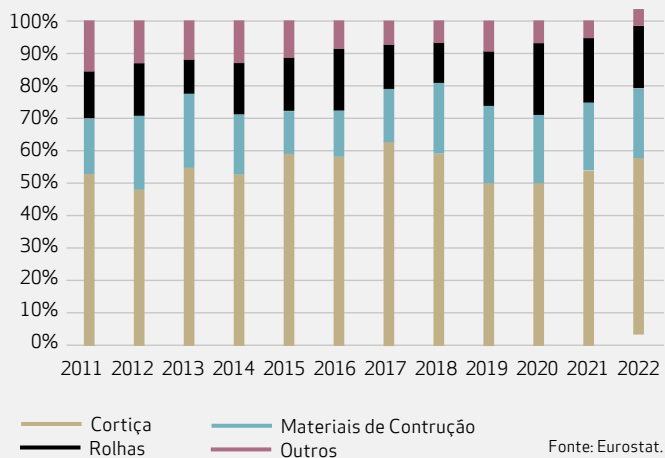


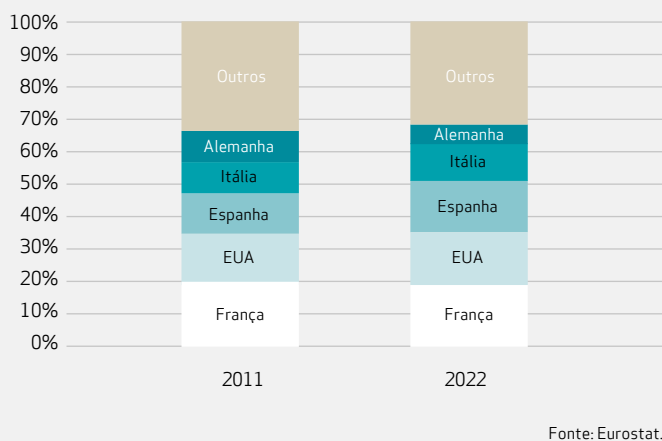
GRÁFICO 21 – DECOMPOSIÇÃO DO CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES DE ROLHAS 2011-2022

Ao contrário do que se passa ao nível da exportação, as importações de cortiça são predominantemente de matéria-prima que representa habitualmente mais de metade do valor importado (Gráfico 22). De assinalar, no entanto, que a importação de rolhas tem vindo a assumir uma importância crescente, tendo nos últimos três anos representado cerca de um quinto das importações portuguesas de cortiça, apesar de uma diminuição do valor médio do quilograma importado.

A geografia das exportações de cortiça e produtos de cortiça é bastante estável: os cinco principais destinos de exportação em 2022 foram os mesmos que em 2011 e a sua quota conjunta no total exportado variou apenas ligeiramente, de 66,7% para 68,9%. Entre os 10 principais destinos, a única alteração foi a saída da Rússia, em resultado das sanções que lhe foram aplicadas devido à guerra na Ucrânia, por troca com o México. A Espanha aumentou consideravelmente o seu peso relativo, passando de 11,6% para 16,1%, mas, ainda assim, mantém-se como terceiro principal mercado, atrás da França e dos EUA. Em contrapartida, a Alemanha viu a sua quota nas exportações nacionais diminuir de 9,6% para 6,4% (Gráfico 23).

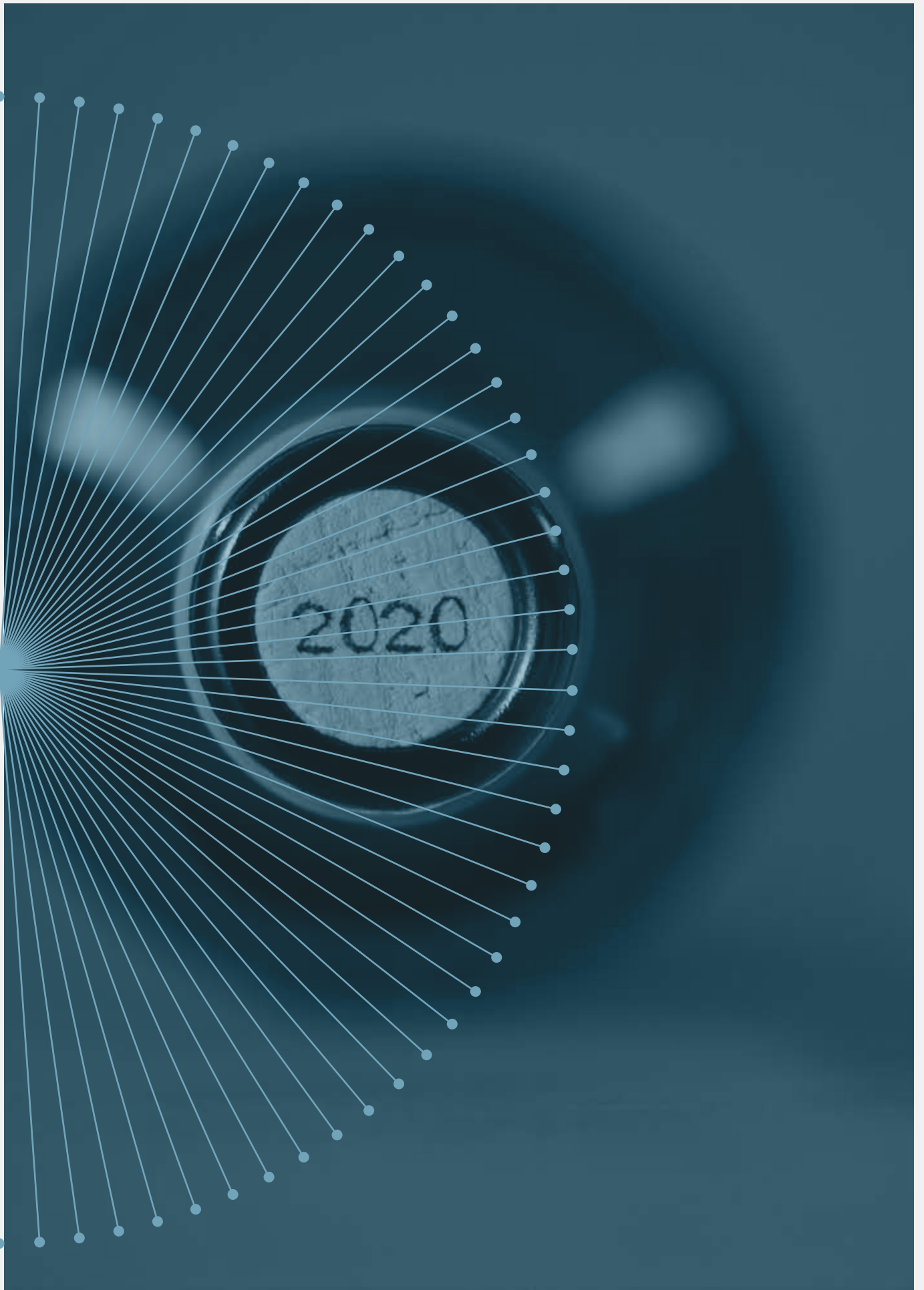
GRÁFICO 22 – COMPOSIÇÃO DAS IMPORTAÇÕES DE CORTIÇA E PRODUTOS DE CORTIÇA 2011-2022

Desagregando a análise por produtos, os quatro principais mercados de destino para as rolhas portuguesas (França, EUA, Itália e Espanha) são os mesmos que para o conjunto das exportações de cortiça, com a única diferença de, por muito pequena margem, a Itália superar a Espanha na terceira posição. De salientar, no entanto, que o quinto principal mercado é já o Reino Unido, um país sem produção vinícola significativa, com uma quota que, em 2022, atingiu os 5%, quando dez anos antes não ia além de 2%. O crescimento das exportações para este mercado está associado à retoma de importância do comércio internacional de vinho a granel, com engarrafamento no destino, como resposta a pressões económicas e ambientais. Também as exportações de rolhas para o México têm vindo a ganhar importância, tendo atingido, em 2022, uma quota de 4% no total nacional.

GRÁFICO 23 – PRINCIPAIS DESTINOS DAS EXPORTAÇÕES DE CORTIÇA E PRODUTOS DE CORTIÇA 2011-2022

Embora os cinco principais mercados para os materiais de construção em cortiça sejam os mesmos que para o conjunto das exportações da indústria, a sua posição relativa é muito diferente. As exportações para Espanha têm vindo a crescer a ritmo acentuado e em 2022 atingiram 23,3% do total, ascendendo o país vizinho à condição de principal mercado destes produtos, em detrimento da Alemanha cuja quota (18,4%) caiu para o nível mais baixo da última década. Também as exportações para França têm aumentado consideravelmente, com a sua quota a atingir, em 2022, 7,9%, atrás dos EUA (11,3%) e à frente da Itália (4,2%).

As importações nacionais de cortiça apresentam uma fortíssima concentração geográfica, com a Espanha a representar quase três quartos do valor importado (73,3%), variando a sua quota entre 47,6% nas rolhas e 84,7% na cortiça natural.



DETERMINANTES DA PROCURA

03

A procura direta pelo consumidor final tem pouca expressão nas vendas da indústria da cortiça. Para o consumidor final, a cortiça surge, em geral, integrada num produto mais complexo de que é apenas um componente e, na maioria dos casos, não o componente mais destacado, seja como vedante de uma garrafa de vinho, seja como material utilizado na construção de um edifício.

A procura por produtos de cortiça é, por isso, essencialmente derivada da procura por estes produtos mais complexos. Consequentemente, não é possível perspetivar o futuro da fileira da cortiça sem atender às tendências que marcam os mercados que se situam a jusante desta, nomeadamente o mercado do embalamento do vinho e o mercado dos materiais para construção civil. E estes, em particular o segundo, são influenciados, entre outros fatores, pela situação económica geral.

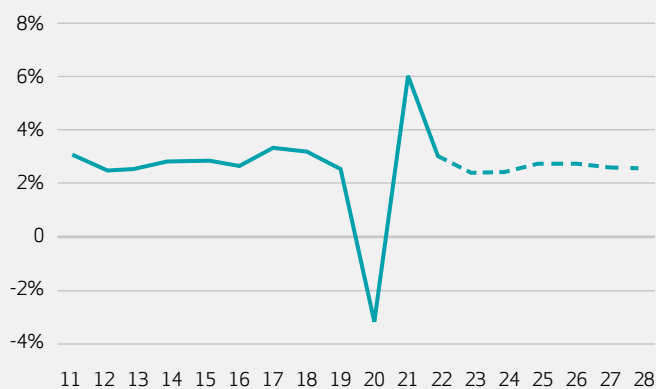


3.1. SITUAÇÃO ECONÓMICA GERAL

Depois dos problemas ocorridos no final da década anterior, associados à crise financeira, a economia internacional teve um início de segunda década do século XXI relativamente auspicioso. Entre 2011 e 2016, o Produto Interno Bruto mundial cresceu a um ritmo bastante estável, com uma média de 2,7% ao ano. Em 2017 e 2018, a situação económica internacional melhorou, com o crescimento do PIB a ultrapassar os 3%, mas em 2019 o crescimento abrandou para 2,5%. Como é sabido, em 2020, a pandemia de COVID-19 teve um impacto destrutivo na economia internacional, nomeadamente por via das fortes restrições à mobilidade que originaram uma forte travagem do comércio internacional. Em termos macroeconómicos, a consequência foi uma quebra, sem precedentes, de 3,2% no PIB mundial. Mas a recuperação deste período de abrandamento, suportada por políticas monetárias e fiscais muito expansionistas, traduziu-se num crescimento, igualmente excecional de 6,0% em 2021. Em 2022, a normalidade regressou, com um crescimento de 3,0%. Para os anos seguintes, o Fundo Monetário Internacional prevê que o mundo regresse a um regime de crescimento estável, da ordem dos 2,4% a 2,7% ao ano, ligeiramente mais fraco do que o verificado no início da década anterior (Gráfico 24).

Em termos globais, pode-se afirmar que, com exceção do período de maior intensidade da pandemia, as condições macroeconómicas, sem serem excecionais, têm sido adequadas ao desenvolvimento da atividade empresarial. No entanto, o que importa para os negócios é a situação económica em cada mercado concreto e não a média mundial. O Gráfico 25 retrata a evolução do PIB nos seis principais mercados da cortiça portuguesa, sendo observáveis, em cada ano, variações significativas entre países.

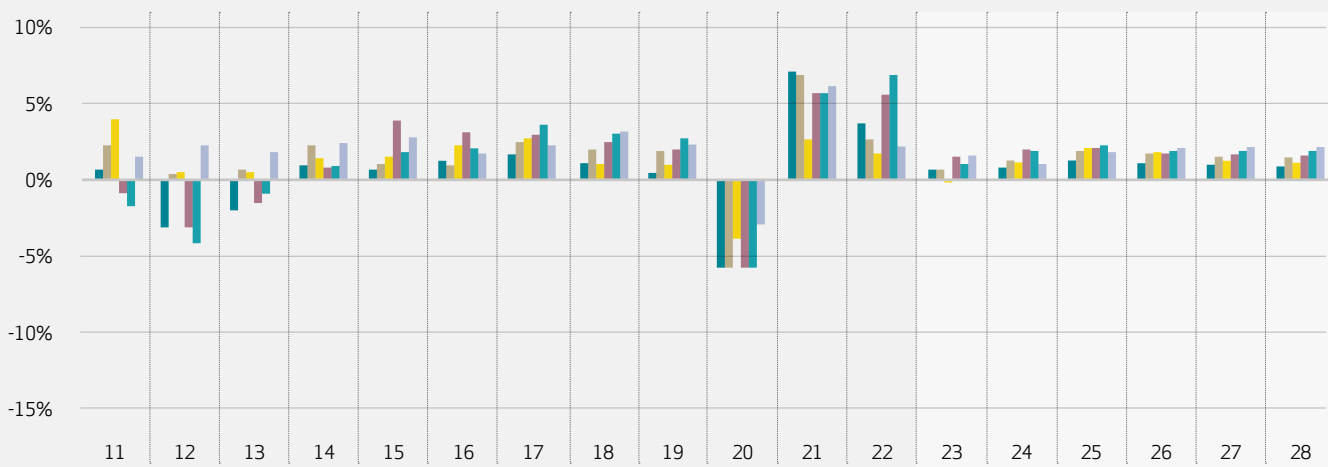
GRÁFICO 24 – CRESCIMENTO REAL DO PIB MUNDIAL



Fonte: Fundo Monetário Internacional (2023).



GRÁFICO 25 – CRESCIMENTO REAL DO PIB NOS 6 PRINCIPAIS MERCADOS DA CORTIÇA PORTUGUESA



— Itália
— França
— Alemanha
— Espanha
— Portugal
— EUA

Fonte: Fundo Monetário Internacional (2023).
 Nota: 2011-2022 - valores efetivos;
 2023-2028 - valores previsionais



Os EUA apresentam a evolução mais favorável, com uma taxa de crescimento média anual do produto, na última década, mesmo com o impacto do COVID, de 2,1%. De acordo com este critério, Portugal surgiria na segunda posição, com um crescimento médio de 1,7%. França, Alemanha e Espanha apresentam crescimentos semelhantes, variando entre 1,1% e 1,4% ao ano. Itália tem o pior resultado, com um crescimento médio anual de apenas 0,5% entre 2013 e 2022. Nas previsões do FMI para os próximos anos, a Itália continua a destacar-se negativamente, com uma média de 0,9% entre 2023 e 2028, variando os restantes países entre 1,2% na Alemanha e 1,8% em Portugal e nos EUA. O diferencial entre os valores e a média mundial apresentada no Gráfico 24 é explicado pelas superiores taxas de crescimento que o FMI prevê para outras zonas do globo, nomeadamente para a China e outras economias emergentes.

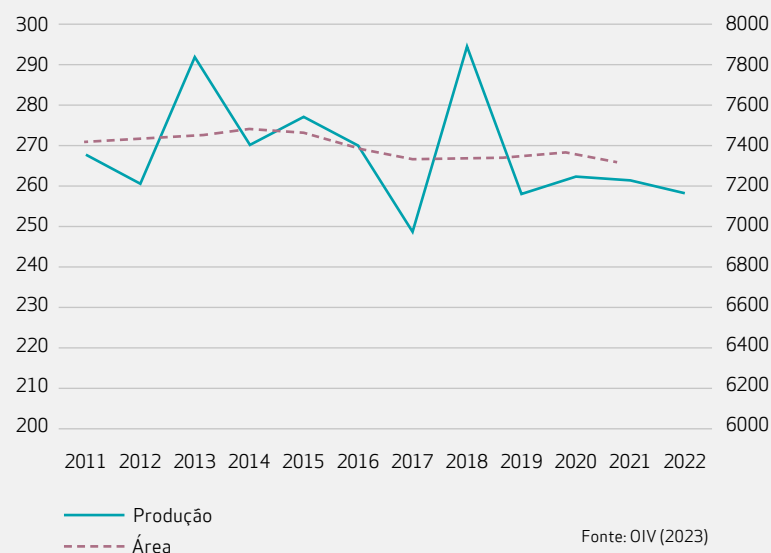
3.2. MERCADO DO VINHO

Embora tenha outras aplicações, o principal produto da fileira, a rolha de cortiça, é, por excelência, um dispositivo para fechar garrafas de vinho, por isso o que se passa no mercado é, conseqüentemente, da maior importância para a indústria da cortiça. A procura por rolhas de cortiça, é maioritariamente determinada pela quantidade de vinho a ser engarrafado. E esta depende, com algum desfasamento temporal, da quantidade produzida de vinho.

Ao longo da última década, a produção mundial de vinho teve, segundo a Organização Internacional da Vinha e do

Vinho (OIV), uma média anual de cerca de 270 milhões de hectolitros, embora com consideráveis oscilações que se podem observar no Gráfico 26: a produção atingiu valores superiores a 290 milhões de hectolitros em 2013 e 2018 e registou um mínimo de 248 milhões em 2017. Nos anos mais recentes, a produção anual tem ficado ligeiramente aquém da média da década, na casa dos 260 milhões de hectolitros, sugerindo alguma tendência de diminuição. O mesmo acontece com a área de vinha que tem diminuído, embora a um ritmo muito paulatino.

GRÁFICO 26 - ÁREA DE VINHA E PRODUÇÃO DE VINHO NO MUNDO (2011-2022)



A produção de vinho apresenta uma acentuada concentração geográfica: os 3 principais países produtores – Itália, França e Espanha – são habitualmente responsáveis por cerca de metade da produção mundial. Os 8 principais produtores da União Europeia, que incluem ainda a Alemanha, Portugal, Roménia, Hungria e Áustria, têm uma quota conjunta de 60% (Tabela 6). Por sua vez, os 8 principais produtores exteriores à UE (EUA, Argentina, Chile, Austrália,

África do Sul, China, Rússia e Nova Zelândia) representam cerca de um terço do total mundial (Tabela 7). Em conjunto, estes dezasseis países representam mais de 90% da produção mundial de vinho. Globalmente, ao longo da década, a produção aumentou 11% nos principais produtores da UE e diminuiu 12,5% nos principais produtores que lhe são exteriores, tendo, portanto, os primeiros ganho quota aos segundos.

TABELA 6 - PRODUÇÃO DE VINHO NOS 8 MAIORES PRODUTORES DA UNIÃO EUROPEIA (MILHÕES DE HECTOLITROS)

País	2012		2022		Variação 2012-2022
	Produção	Quota	Produção	Quota	
Itália	45,6	17,5%	49,8	19,2%	9,3%
França	41,5	15,9%	45,6	17,6%	9,7%
Espanha	31,1	11,9%	35,7	13,8%	14,7%
Alemanha	9,0	3,5%	8,9	3,4%	-0,8%
Portugal	6,3	2,4%	6,8	2,6%	7,1%
Roménia	3,3	1,3%	3,8	1,5%	14,4%
Hungria	1,8	0,7%	2,9	1,1%	64,3%
Áustria	2,1	0,8%	2,5	1,0%	18,9%
Total 8+	140,8	54,0%	156,1	60,1%	10,8%

Fonte: OIV (2023)
Nota: quotas no mercado mundial.

TABELA 7 - PRODUÇÃO DE VINHO NOS 8 MAIORES PRODUTORES EXTERIORES À UNIÃO EUROPEIA (MILHÕES DE HECTOLITROS)

País	2012		2022		Variação 2012-2022
	Produção	Quota	Produção	Quota	
EUA	22,7	8,7%	22,4	8,6%	-1,5%
Austrália	12,3	4,7%	12,7	4,9%	4,0%
Chile	12,6	4,8%	12,4	4,8%	-0,9%
Argentina	11,8	4,5%	11,5	4,4%	-2,8%
África do Sul	10,6	4,1%	10,2	3,9%	-3,9%
Rússia	5,7	2,2%	4,7	1,8%	-17,9%
China	16,1	6,2%	4,2	1,6%	-74,0%
Nova Zelândia	1,9	0,7%	3,8	1,5%	97,4%
Total 8+	93,6	35,9%	81,9	31,6%	-12,5%

Fonte: OIV (2023)

A informação disponível para a última década aponta, portanto, para a estabilidade ou ligeiro decréscimo da produção mundial de vinho, com uma evolução mais favorável na Europa do que fora dela. As oscilações anuais inerentes, nomeadamente, às condições climatéricas são, no entanto, mais significativas do que esta aparente tendência de evolução.

A produção de vinho tem uma relação apenas aproximada com as necessidades locais de soluções de engarrafamento e de dispositivos de fecho das garrafas, principalmente porque muitos dos principais países produtores exportam grande parte da sua produção a granel, acontecendo o engarrafamento no mercado de destino, uma opção que as preocupações ambientais têm vindo a reforçar.

Como se pode observar na Tabela 8 o principal exportador mundial de vinho, em volume, é a Espanha, mas mais de metade das suas exportações são a granel¹¹. Esta percentagem é muito mais baixa nos outros dois grandes países produtores, Itália e França. A exportação a granel é particularmente frequente nos principais produtores extraeuropeus, como a Austrália, o Chile, a África do Sul e os EUA, onde representa 40% a 60% das exportações totais. Com exceção dos EUA, grande parte da produção destes países é exportada e, em parte considerável, a granel, pelo que as suas necessidades de engarrafamento são substancialmente menores do que a sua produção daria a entender.

TABELA 8 - DEZ PRINCIPAIS EXPORTADORES DE VINHO (2022; MILHÕES DE HECTOLITROS)

País	Total	% em embalagem de, pelo menos, 10 litros
Itália	21,7	17,1%
Espanha	20,9	55,3%
França	14,0	8,3%
Chile	8,3	39,2%
Austrália	6,7	58,7%
África do Sul	4,4	55,8%
Alemanha	3,5	6,0%
Nova Zelândia	3,0	40,9%
EUA	2,8	43,2%
Argentina	2,5	22,5%

Fonte: ITC (2023)

11. Consideram-se aqui como sendo a granel as exportações efetuadas em embalagem de capacidade não inferior a 10 litros, dado que as estatísticas de comércio internacional não permitirem uma identificação mais rigorosa.

Em contrapartida, os principais importadores de vinho a granel, constantes na Tabela 9, tendem a ter necessidades de engarrafamento superiores às que decorreriam da sua produção interna. A título de exemplo, o maior importador mundial de vinho a granel, em 2022, foi a Alemanha, cujas importações quase igualaram a produção interna (7,3 versus 8,9 milhões de hectolitros) e o terceiro foi o Reino Unido que não tem produção interna relevante. Assim se compreende que estes dois países figurem, como se verificou em capítulo anterior, entre os 10 principais destinos de exportação das rolhas portuguesas.

A procura por rolhas de cortiça é, portanto, determinada pela produção de vinho que, a nível mundial, tem rondado os 271 milhões de hectolitros, anualmente, sem uma tendência de evolução bem definida. Apesar da relativa estabilidade da produção global, observam-se casos de crescimento significativo, nomeadamente no Chile e nos EUA, que a evolução da área cultivada sugere que prosseguirão nos próximos anos. O Chile exporta, no entanto, grande parte da sua produção a granel, pelo que as suas necessidades de engarrafamento são menores do que decorreria do seu nível de produção. Em contrapartida, outros países, com destaque para o Reino Unido, têm uma atividade de engarrafamento significativa, apesar da escassa produção interna de vinho, em complemento às suas importações a granel, sendo, por isso, importantes compradores de rolhas.

TABELA 9 - DEZ PRINCIPAIS IMPORTADORES DE VINHO A GRANEL (2022; MILHÕES DE HECTOLITROS)

País	Total	Em embalagem de, pelo menos, 10 litros	% em embalagem de, pelo menos, 10 litros
Alemanha	13,5	7,3	54,1%
EUA	14,4	4,9	34,0%
Reino Unido	13,0	4,7	36,2%
França	6,1	4,6	75,4%
Itália	1,9	1,7	89,5%
China	3,4	1,1	32,4%
Canadá	4,2	1,0	23,8%
Dinamarca	1,9	0,8	42,1%
Chéquia	1,7	0,8	47,1%
Bélgica	3,3	0,5	15,2%

Fonte: ITC (2023)

A informação estatística sistemática sobre os vedantes utilizados nas garrafas de vinho é extremamente escassa, impossibilitando uma caracterização rigorosa da situação. No entanto, diversos estudos em diferentes mercados mostram que a rolha de cortiça é largamente dominante nos vinhos de maior qualidade e, mostram também, que os vinhos vedados com cortiça tendem a beneficiar de um prémio de preço significativo e uma melhor performance de vendas, face aos que utilizam outros vedantes. A obtenção deste prémio reflete a apreciação que os consumidores fazem dos diferentes vedantes: estudos no domínio das neurociências mostram que a rolha de cortiça tem um papel crucial na apreciação sensorial do vinho, atribuindo-lhe maior qualidade.



3.3. MATERIAIS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

A construção civil absorve mais de um quarto do valor das exportações da fileira da cortiça, tendo, portanto, uma forte influência no seu desempenho.

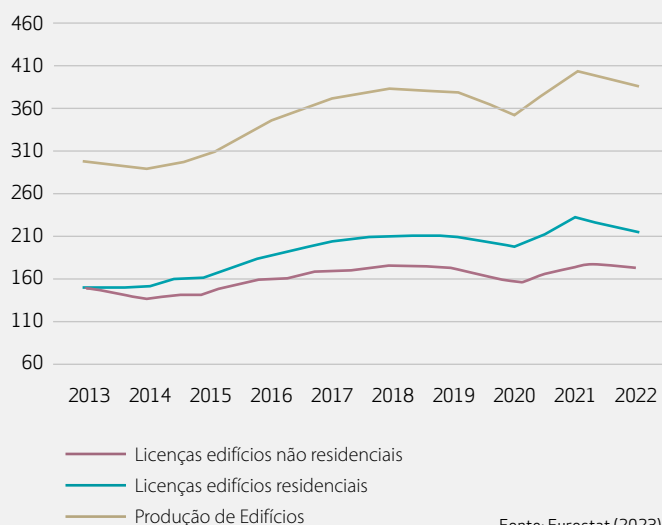
A indústria de construção, na União Europeia, atravessa uma fase de expansão que se iniciou em 2013, para os edifícios residenciais, e no ano seguinte, para os não residenciais (Gráfico 27). Desde 2014, o crescimento da área de construção licenciada foi de 26,8% para os edifícios não residenciais e de 40,8% para os residenciais. Já o volume de produção cresceu 34,2%, no mesmo período. Nos últimos 10 anos, apenas foram registadas quebras nestes três indicadores em 2014 e no ano de 2020, um fenómeno que, mais uma vez, não pode ser dissociado da pandemia de COVID-19.

Os indicadores agregados apresentados no Gráfico 27 não nos permitem reconhecer, contudo, as significativas especificidades existentes a nível nacional. Para fazer essa análise, o Gráfico 28 descreve a evolução da emissão de licenças e produção de edifícios em Portugal e nos sete principais mercados comunitários de destino das exportações portuguesas de materiais de construção em cortiça, sendo evidente a heterogeneidade de situações.

Em Espanha e França – e, em menor medida, em Itália – a emissão de licenças de construção de edifícios apresentou um forte carácter cíclico. Nos dois primeiros países, a produção atingiu o mínimo em 2020, enquanto em Itália isso ocorreu em 2014. Já em Portugal, as flutuações da atividade da construção foram

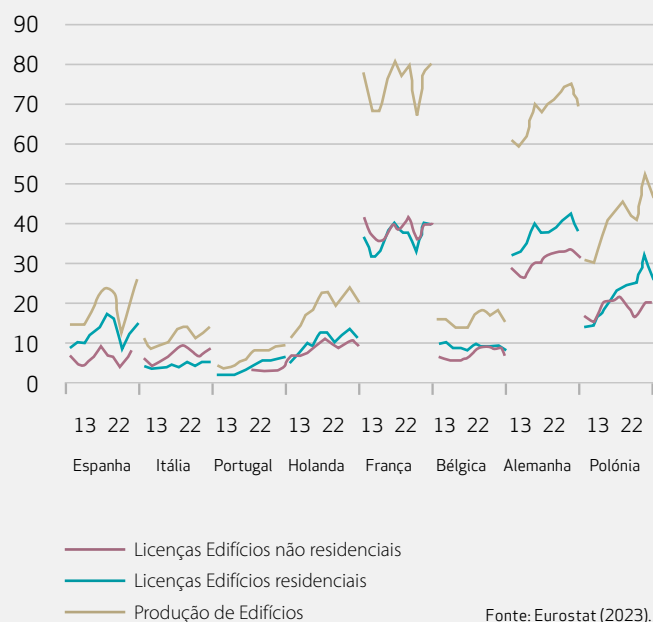
muito mais suaves do que nos restantes países representados e, predominantemente, em sentido crescente. Na Alemanha e na Polónia, ainda que com maiores flutuações do que as registadas em Portugal, a tendência no período analisado no gráfico é, também, de sentido ascendente.

GRÁFICO 27 - PRODUÇÃO DA ATIVIDADE DE CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS E LICENÇAS DE CONSTRUÇÃO PARA EDIFÍCIOS EMITIDAS NOS 27 PAÍSES DA UNIÃO EUROPEIA, EM METROS QUADRADOS (ÍNDICE 2013-2022, 2015=100)



Fonte: Eurostat (2023).

GRÁFICO 28 - PRODUÇÃO DA ATIVIDADE DE CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS E LICENÇAS DE CONSTRUÇÃO PARA EDIFÍCIOS EMITIDAS EM PAÍSES SELECIONADOS DA UNIÃO EUROPEIA, EM METROS QUADRADOS (ÍNDICE 2013-2022, 2015=100)



No principal mercado extracomunitário para as exportações portuguesas de materiais de construção em cortiça, os EUA, o ano de 2009 foi o pior das últimas três décadas para a construção de habitação. No entanto, a partir de então, a evolução foi bastante favorável: o número de fogos cuja construção foi licenciada cresceu todos os anos, tendo aumentado cumulativamente 101% até 2022. Em contrapartida, na China, a área de edifícios construída anualmente aumentou 73% entre 2009 e 2014, mas, a partir de então, tem mostrado uma ligeira tendência decrescente. Com efeito, a área de edifícios construída anualmente caiu 4% entre 2015 e 2022, mas, apesar disso, cresceu 77% em comparação com o registo de 2009.

Em síntese, a construção apresenta evoluções muito diversas de país para país. Mesmo dentro da União Europeia, são notórias fortes oscilações cíclicas em países como Itália e França, uma relativa estabilidade na Bélgica e em Itália, e uma tendência de crescimento moderado, mas continuado sobretudo em Portugal, mas também na Alemanha e na Polónia. Fora da UE, os EUA têm demonstrado um forte crescimento enquanto, na China, ao crescimento acelerado do início da década sucedeu um ligeiro declínio nos anos mais recentes.

A indústria da cortiça oferece uma ampla gama de produtos no setor da construção civil, incluindo isolamento, revestimento e pavimento, entre outras aplicações menos comuns. No entanto, para cada uma dessas funções, existem diversas soluções disponíveis no mercado, feitas de outros materiais.

Esta diversidade de soluções impossibilita uma caracterização exaustiva da oferta disponível no mercado da construção civil. Além disso, existem limitações ao nível da recolha de dados estatísticos, cuja disponibilidade é limitada, tal como foi também mencionado em relação aos dispositivos de fecho de garrafas.





CONCLUSÕES

04

A indústria da cortiça não escapou incólume às perturbações – como a pandemia de COVID-19 e a crise inflacionista – que marcaram o panorama económico internacional nos anos mais recentes. No entanto, os dados disponíveis sugerem que esses fenómenos não puseram em causa a trajetória muito positiva que tem marcado a evolução da indústria desde o início da década passada.



Os indicadores económico-financeiros das empresas da indústria assim o demonstram. Depois de algum recuo em 2020, em 2021 os resultados líquidos e a rentabilidade do capital próprio das empresas corticeiras atingiram valores historicamente elevados. Na indústria rolheira, em particular, atingiram um máximo histórico. Aliás, a rentabilidade do capital próprio só não cresceu mais rapidamente porque as empresas reforçaram as suas estruturas de capitais, diminuindo o risco financeiro.

A última década assistiu a um forte crescimento do volume de negócios das empresas de cortiça, que ultrapassou já 1,8 mil milhões de euros. O crescimento alcançado na indústria da cortiça foi mais forte do que noutros setores, ultrapassando largamente o registado no conjunto das indústrias transformadoras portuguesas e no todo da economia nacional. O crescimento foi particularmente forte para os fabricantes de rolhas (57%), sendo menor nos restantes seg-

mentos da indústria. Numa indústria fortemente exportadora, como a da cortiça, este crescimento esteve necessariamente associado a um desempenho positivo nos mercados externos. Em 2022, as exportações portuguesas de cortiça atingiram um máximo histórico ligeiramente superior a 1,2 mil milhões de euros, 45% acima do valor alcançado uma década antes. O crescimento do volume de negócios e das exportações foi acompanhado pelo reforço da produtividade, medida pelo valor acrescentado bruto por trabalhador. Na última década, este indicador aumentou 43% na indústria da cortiça, bastante mais do que nas indústrias transformadoras portuguesas (+34%) ou no todo da economia nacional (+18%). Este aumento da produtividade aconteceu em paralelo com uma alteração da estrutura empresarial, com uma forte redução no número de pequenas empresas dedicadas à preparação da cortiça, acompanhada de um aumento, menos acentuado, das empresas dedicadas à produção de rolhas e de outros produtos, assim como com um forte aumento dos níveis de investimento anual no setor.



Vasco Rodrigues (coordenador)

Diretor do CEGEA. Professor Associado da Católica Porto Business School. Doutorado em Economia pela Universidade Católica Portuguesa.

Eylem Gevrek

Professora Auxiliar da Católica Porto Business School. Doutorada em Economia pela Universidade do Arizona.

Filipa Mota

Assistente da Católica Porto Business School. Doutorada em Economia pela Universidade do Porto.



Disclaimer

Este relatório foi preparado pelo Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da Católica Porto em resposta a uma solicitação da APCOR – Associação Portuguesa da Cortiça. O seu conteúdo é confidencial: o acesso e a sua divulgação são da exclusiva responsabilidade da entidade promotora. As opiniões veiculadas neste documento só responsabilizam os autores e não vinculam a Universidade Católica Portuguesa nem a APCOR – Associação Portuguesa da Cortiça.

Porto, Junho de 2023

Vasco Rodrigues

Ficha Técnica

Propriedade:

APCOR – Associação Portuguesa da Cortiça
Av. Comendador Henrique Amorim, n. 580
Apartado 100
4536-904 Santa Maria de Lamas
Portugal
t. +351 227 474 040
e. info@apcor.pt
w. apcor.pt

Estudo desenvolvido por: CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da Católica Porto.

Design: Plenimagem, Lda

Fotografias: Daniel Rodrigues, Joel Santos e Magali Tarouca,
Nuno Correia, Pedro Canto Brum, Pedro Sadio, SusDesign

A informação contida neste documento é da propriedade da APCOR, podendo ser reproduzida, parcialmente ou na sua totalidade, desde que seja assegurada a indicação da fonte de informação.

Junho 2023



